

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de Notícias

Class.: Mineração em AIs

Data: 16/08/89

Pg.: 175

**Empresário acusa CNBB de pressão
contra pesquisa de minérios**

O empresário de mineração Elton Rohnelt acusou o presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, de ter pressionado o presidente José Sarney para que o Ministério das Minas e Energia suspendesse todas as concessões de avança para pesquisa e lavra de minérios em áreas indígenas do Amazonas. Segundo o empresário, a partir de então nenhum outro avará foi autorizado pelo ministério em áreas a menos de cem quilômetros de reservas indígenas ou de localidades habitadas por índios. Essa restrição, acentuou, não só prejudica o desenvolvimento do setor mineral na região, mas os próprios índios, que "querem usufruir dos lucros da mineração em suas terras".

Rohnelt desafiou o Cimi a fazer uma pesquisa entre os índios do Ato Rio Negro, para saber se eles querem ou não a presença de mineradores em suas terras. O que eles não querem, garantiu, são os garimpeiros. A seu ver, o problema do Cimi e da Igreja progressista na região é que os índios, hoje, estão percebendo os benefícios que a mineração responsável está trazendo a suas comunidades e rechaçam a presença de missionários que nada lhes oferecem e apenas os expõem a serviço de interesses internacionais.

Elton Rohnelt, que o Cimi chama de inimigo número um dos índios, trabalha desde 1982 na região conhecida como Cabeça do Cachorro na serra do Traira, Ato Rio Negro, divisa do Brasil com a Colômbia. Seu projeto de exploração mineral, o Projeto Caparró, começou a sofrer pressões do Cimi quando Rohnelt conseguiu manter contatos amistosos com os índios Tukaró, Baniwa e Yanomani e teve permissão para trabalhar nas áreas indígenas da região. "A verdade é que não trabalhamos propriamente numa área indígena demarcada, mas, para pesquisar, temos de passar por regiões habitadas por índios. Nunca tive problemas com os índios pelo contrário, temos bom relacionamento porque lhes oferecemos melhores condições de vida".

Seus problemas com a Igreja e com os supostos missionários do Cimi, contou o empresário, foram se avolumando à medida em que foi fazendo acordos com as comunidades indígenas nas áreas de saúde, educação, transporte e agricultura. Conforme o Projeto Caparró foi sendo executado, acentuou, o Cimi passou a pressionar a Funai e os indígenas da região para que fossem expulsas as empresas de mineração da Amazônia. "Como não conseguiu seu intento, o Cimi passou então a outro tipo de pressão, o "lobby" na imprensa amazonense.